



O que se percebe na Tabela 1 é uma significativa tendência de as Unidades voltarem-se para seus cursos de graduação e pós-graduação, tanto ministrando aulas para seus cursos prioritariamente, quanto pelo fato delas receberem poucos professores de outras Unidades em seus cursos. Das 26 Unidades consideradas, mais da metade (53,8%) dedicam mais de 90% de sua atividade docente aos seus próprios cursos de graduação. Podem-se observar situações onde Unidades dedicam mais de 90% de sua capacidade docente aos seus cursos, os quais dependem quase exclusivamente (97,9%) de seus próprios professores.

Apesar da tendência a se manter as atividades acadêmicas circunscritas a Unidades isoladas, é possível constatar a emergência de tendências que apontam em um sentido diferente. Uma dessas tendências é representada pela criação de Programas de Pós-Graduação com forte inserção interdisciplinar, tais como o Doutorado em Ciências Ambientais, os Mestrados em Educação em Ciências e Matemática, em Agronegócios e Saúde Coletiva. O fato de três de esses programas estarem vinculados à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e não a Unidades específicas já aponta o sentido de integração que os mesmos representam. Cabe ressaltar

que o Mestrado em Saúde Coletiva é a expressão de outra inovação institucional importante na Universidade, com a mudança na legislação que permite a criação de Núcleos de Pesquisa que envolvam diversas Unidades. Nesse caso, a criação do Núcleo de Estudo em Saúde Coletiva permitiu a articulação de pesquisadores de distintas Unidades em uma perspectiva multidisciplinar. Por fim, cabe indicar que modificações na estrutura física da Universidade também apontam no sentido de uma maior integração. A construção de blocos de salas de aula permite que alunos de diversos cursos convivam no mesmo espaço, saindo dos limites físicos de suas Unidades.

Pela análise realizada é possível constatar que um dos aspectos do projeto dos fundadores da UFG, que previa uma Universidade inovadora para a época buscando uma maior integração entre suas distintas partes, em parte se perdeu. As instituições apresentam dinâmicas que apontam em direções opostas: algumas forças levam a uma autonomia de suas partes, privilegiando suas especificidades, enquanto outras reforçam a integração. No caso da UFG percebe-se a necessidade de um resgate de seu projeto original e a implementação de esforços que promovam a integração de suas Unidades.

DIVERSIDADE E ALTERIDADE NA POLÍTICA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UFG: A MOBILIDADE DE ESTUDANTES

Ofir Bergemann de Aguiar
Alexandra Nogueira da Silva¹

A conferência de encerramento do I Encontro Internacional de Reitores do Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB) e da Asociación Nacional de Universidades e Instituciones de Educación Superior (ANUIES) do México,² realizado em Salvador-BA, de 21 a 24 de abril de 2010, teve como título “A internacionalização: a quarta missão das universidades”. Nessa fala, o Reitor da Universidade de Coimbra, Prof. Fernando Seabra Santos, destacou as novas competências das universidades e a importância da cooperação universitária mesmo em áreas de conflitos. A internacionalização como quarto eixo da missão universitária, somando-se ao tripé ensino-pesquisa-extensão, foi também objeto de relevo da palestra do Prof. Carlos Alexandre Netto, Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pronunciada por ocasião do II Curso de Gestão da Internacionalização Universitária 2009,³ oferecido pela Associação Nacional

² Informações sobre o evento disponíveis em: <http://www.grupocoimbra.org.br/apresentacao_evento.php?linguagem=1&id=18>. Acesso em: 9 mai. 2010.

³ Informações sobre o curso disponíveis em: <http://www.andifes.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2604:curso-andifes-de-gestao-da-internacionalizacao-universitaria-2009&catid=78&Itemid=94>. Acesso em: 9 mai. 2010.

¹ Ofir Bergemann de Aguiar é Coordenadora de Assuntos Internacionais da UFG e Alexandra Nogueira da Silva é Coordenadora Substituta de Assuntos Internacionais da UFG.

dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES). Foram aí ressaltadas as razões pelas quais se deve promover a internacionalização acadêmica. Segundo o Reitor Carlos Alexandre, a internacionalização contribui para a qualificação acadêmica, a interação entre as instituições e os indivíduos, assim como para uma cultura de tolerância e paz. A respeito dos dois últimos aspectos, Stallivieri (2004, p.25) sustenta: “a ação internacional pressupõe a inter-relação entre nações e, conseqüentemente, [...] conhecimento, ou, pelo menos, aceitação da existência do outro, intensificando a consciência da diversidade dos indivíduos e a sua visibilidade”. A autora, retomando Amorim (1994, p. 151) em “Perspectivas da cooperação internacional”, esclarece, ainda, que a ideia de alteridade aparece como um dos primeiros pressupostos da cooperação, implicando o respeito pelo outro (STALLIVIERI, 2004, p. 25). Lembra, também, que, já na sua origem, na Idade Média, as universidades propunham a universalidade do conhecimento e de todo o saber (STALLIVIERI, 2004, p. 23).

Tendo como base considerações como essas, é que se desenvolve a Política de Relações Internacionais da UFG, que elege a mobilidade de estudantes de graduação como uma das mais relevantes modalidades de cooperação acadêmica internacional. Antes de explorar esse tema, entretanto, cumpre trazer a definição de internacionalização, elaborada por Pedrozo et al (2008, p. 3), que tomamos de empréstimo, uma vez que se encontram aí resumidas as metas que se pretende atingir com a promoção do intercâmbio e outras atividades de cooperação internacional na UFG:

[o] termo internacionalização [...] [é] aqui entendido como o processo de inclusão das dimensões do global, do internacional e do intercultural nos currículos, no processo ensino/aprendizagem, na pesquisa, na extensão e na cultura organizacional da universidade com o objetivo de proporcionar à sua comunidade diversidade de conceitos, ideologias e princípios gerenciais contemporâneos sem, contudo, perder de vista suas origens e suas motivações próprias.

Reconhecendo que o processo institucional de internacionalização, na UFG, ainda tinha um longo caminho a ser percorrido, e que a mobilidade de estudantes de graduação não era significativa, nos últimos quatro anos foram buscados financiamentos e outras soluções que permitissem a dinamização dessa atividade. Como resultado, vemos hoje o cenário que apresentamos a seguir, com

a participação da UFG em importantes projetos de mobilidade de estudantes de graduação, financiados pelo governo brasileiro ou por agências ou governos estrangeiros. Isso tem permitido uma maior visibilidade da instituição no exterior e a possibilidade de se conviver mais com a diversidade cultural e de se refletir sobre a alteridade.

Contudo, é necessário ressaltar as condições propícias para a dinamização dessa atividade, sobretudo com o lançamento de editais que prevêem recursos para esse fim, situação diversa de pouco tempo atrás. Cabe salientar, por outro lado, que a cooperação internacional constitui atividade de longa data na UFG, pela qualificação ou aprimoramento de seus docentes em instituições estrangeiras ou pela realização de projetos conjuntos de pesquisa, ensino ou extensão, frutos de iniciativas individuais de pesquisadores com seus pares nas instituições estrangeiras. Por sinal, este é um dos motivos por que se decidiu priorizar a mobilidade de estudantes de graduação como política institucional. Verificou-se que, diferentemente dos pesquisadores, essa era a categoria que mais necessitava de apoio para atividades internacionais bem sucedidas, o que não significa que os docentes e os estudantes de pós-graduação tenham sido negligenciados, pela administração central, na elaboração de sua Política de Relações Internacionais. Ainda no tocante às decisões da administração central, assinala-se que, em 1987, a UFG criou um órgão responsável pelo desenvolvimento e ampliação da cooperação internacional e deu início ao estímulo às ações de caráter internacional, assim como à sua realização, de forma mais sistematizada.

Programas subsidiados pela CAPES

Desde 2001, a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) propõe programas de parcerias universitárias binacionais,⁴ que têm por finalidade o intercâmbio de estudantes de graduação. Esses programas requerem o reconhecimento mútuo dos créditos obtidos na instituição parceira, com vistas a uma aproximação das estruturas curriculares nos cursos envolvidos. Por meio deles, a CAPES financia missões de trabalho dos professores, bolsas de estudos para os estudantes e uma quantia para o custeio das atividades do projeto. A UFG tem submetido propostas à CAPES, no âmbito desses programas, e participa hoje

⁴ Informações disponíveis em: <<http://www.capes.gov.br/cooperacao-internacional>>. Acesso em: 9 mai. 2010.

do CAPES-BRAFAGRI (Brasil-França), do CAPES-BRAFITEC (Brasil-França) e do CAPES-FIPSE (Brasil-Estados Unidos). Proposta de participação no Programa UNIBRAL I (Brasil-Alemanha) encontra-se em fase final de elaboração, numa parceria com a Katholische Universität Eichstätt-Ingolstadt (KUEI).

Programas CAPES/BRAFITEC e CAPES/BRAFAGRI⁵: Área de Ciências Agrárias

As atividades ligadas à mobilidade de estudantes de graduação, que se apresentam de forma mais consolidada na UFG, envolvem a França, na área das Ciências Agrárias. A Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos (EA) deu início a uma parceria com a École Supérieure d'Agriculture d'Angers (ESA), no ano de 1988, que se mantém bastante ativa. Um dos desdobramentos dessa relação foi a participação da UFG em um projeto CAPES-BRAFITEC com aquela instituição, coordenado no Brasil pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ). Posteriormente, a UFG teve aprovados dois projetos como instituição líder, nessa mesma área, estendendo a parceria para a FESIA (Fédération des Écoles Supérieures d'Ingénieurs en Agriculture), da qual a ESA é parte integrante, juntamente com a École Supérieure d'Agriculture de Purpan (ESAP), em Toulouse; o Institut Supérieur d'Agriculture Rhône-Alpes (ESAP), em Lyon (ISARA), e o Institut Supérieur d'Agriculture (ISA), de Lille. Trata-se de um Projeto BRAFITEC e um BRAFAGRI – este último criado mais recentemente pela CAPES, restrito às áreas de Ciências Agrônômicas, Agro-alimentares e Veterinária.

O Programa CAPES/BRAFITEC das Ciências Agrárias se desenvolveu de 2007 a 2009, possibilitando o envio de 13 estudantes da EA/UFG para as escolas francesas e o recebimento de cinco estudantes das instituições do consórcio. O Programa CAPES/BRAFAGRI está ainda em curso e tem movimentado, desde 2007, 15 estudantes da UFG e 11 estudantes franceses. Ademais, cinco estudantes da UFG acabam de ser selecionados para intercâmbio, a partir do próximo semestre, com duração de cerca de um ano.

É interessante observar que o nível de conhecimento da língua portuguesa, por parte dos franceses que aqui desembarcam, é suficiente para garantir o seu

⁵ Informações disponíveis em: <<http://www.capes.gov.br/cooperacao-internacional/franca/capesbrafagri>>. Acesso em: 9 mai. 2010.

bom desempenho nas atividades acadêmicas. Isso se deve ao fato de serem oferecidas oportunidades de aprendizado do português do Brasil, nas escolas parceiras. Os estudantes sentem-se bastante motivados para virem a Goiânia, para realizarem disciplinas e estágios, relativos ao bioma do Cerrado, ao melhoramento da cultura de cana de açúcar, às frutíferas nativas com potencial para alimentação humana, além do interesse em outras áreas, como a cultura do açafrão, o aproveitamento e desenvolvimento de alimentos, os trabalhos em cooperativas agrícolas e em pequenas propriedades rurais de cunho familiar.

O entrosamento dos participantes, com os colegas da instituição estrangeira e com a população em geral, é tão amplo que vários estudantes voltam ao país visitado para outros períodos de estudo ou estágio, no nível de graduação ou pós-graduação. Laços de amizade e até de namoro são observados como resultado dessas experiências.

Essa parceria despertou o interesse dos estudantes da EA/UFG pelo idioma francês, que sofreu certo desprestígio nas últimas décadas, relativamente às línguas inglesa e espanhola. Desde que iniciam seu curso, os estudantes já são informados dessa oportunidade, o que os leva a se prepararem com antecedência para o intercâmbio. A língua francesa tem atraído recentemente, também, os estudantes da Escola de Engenharia Civil (EEC) da UFG, que teve contemplada uma proposta ao Programa BRAFITEC.

Programa CAPES/BRAFITEC⁶ – Projeto da Engenharia Civil

O Programa CAPES/BRAFITEC é voltado para as áreas de engenharias. Visa iniciativas para assemelhação de estrutura e conteúdos curriculares, assim como de metodologias de ensino nos dois países. No âmbito desse Programa, a UFG teve aprovado projeto no domínio da engenharia de obras de grande porte e tecnologias construtivas especiais, em parceria com o Institut National des Sciences Appliquées (INSA – Toulouse).

As relações entre as duas instituições tiveram início com duas visitas de um professor do INSA a Goiânia, como palestrante do Seminário Internacional sobre Durabilidade das Estruturas de Concreto, em 2000 e 2002. Isso resultou na realização de um projeto conjunto de pesquisa que, por sua vez, culminou com estágios

⁶ Informações disponíveis em: <<http://www.capes.gov.br/cooperacao-internacional/franca/brafitec>>. Acesso em 9 mai. 2010.

de pós-doutorado de dois professores da EEC/UFG, em Toulouse. Esses professores se dispuseram a apresentar proposta ao edital CAPES/BRAFITEC, que enviou, em 2009, quatro estudantes da UFG à França (dois para o INSA Toulouse e dois para o INSA Strasbourg) e enviará, agora em 2010, mais cinco. No sentido inverso, a UFG recebeu, em abril passado, o primeiro estudante francês ligado ao projeto e receberá mais uma estudante no segundo semestre. O maior interesse dos estudantes, nesse caso, são os estágios possibilitados pelos convênios, entre a UFG e as empresas localizadas em Goiânia ou nos arredores, abrangendo práticas relativas a barragens, tecnologias de materiais e componentes construtivos, bem como o desempenho das construções.

Programa CAPES/FIPSE

Por meio do Projeto “Iniciativa em Artes e Cultura entre Brasil e EUA”, a UFG – especificamente as Faculdades de Letras, de Artes Visuais e a Escola de Música e Artes Cênicas –, deu início, em 2007, à mobilidade de estudantes de graduação, no âmbito do Programa CAPES/FIPSE, que é assim definido:⁷

O Programa de Consórcios em Educação Superior Brasil - Estados Unidos é fruto do acordo entre a CAPES e o *Fund for the Improvement of Post Secondary Education* (Fipse) do Departamento de Educação dos Estados Unidos. Seu objetivo é apoiar a inserção dos cursos de graduação das Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras no cenário internacional, mediante a modernização curricular, o reconhecimento mútuo de créditos e o intercâmbio docente/discente.

⁷ Cf informações disponíveis em: <<http://www.capes.gov.br/cooperacao-internacional/estados-unidos/capesfipse>>. Acesso em: 9 mai. 2010.

Contam, como parceiros nesse Projeto, a Universidade Federal de Viçosa (UFV) – a coordenadora pelo lado brasileiro, o Gadsden State Community College (Alabama), a University of Montevallo (Alabama) e o Augusta Technical College (Georgia). A exemplo dos demais consórcios, esse foi formado como resultado de contatos preexistentes entre professores das instituições envolvidas e pela afinidade nas áreas de interesse. Conforme alega Stallivieri (2004, p. 44, grifo da autora): “A aproximação de duas ou mais instituições ocorre através de um processo seletivo: as universidades se buscam por afinidades eletivas baseadas em suas fortalezas e em suas carências, nas quais procuram apoio para poder progredir”.

Em avaliação parcial do grupo (CRIDER et al., 2009, p. 217), a mobilidade proporcionada por esse Projeto foi considerada bem sucedida. No que se refere à UFG, dez estudantes dos EUA foram recebidos, no período de 2008 a 2010 e nove estudantes enviados, no período de 2007 a 2009. Quatro outros estudantes da UFG foram selecionados, para início de intercâmbio, em setembro. Quanto aos desafios a que se depararam, os estudantes estrangeiros (CRIDER et al., 2009, p. 219) destacaram as dificuldades com o domínio do idioma. Expressaram, em relatórios apresentados, certa frustração inicial, que foi superada pela adaptação à cultura brasileira e à língua portuguesa, o que lhes permitiu acompanhar os cursos que frequentavam e relacionar-se com a sociedade circundante.

A esse respeito, cabe assinalar a discussão sobre a oferta de cursos em língua inglesa nas instituições brasileiras. Trata-se de uma polêmica entre os favoráveis, que acreditam que, dessa forma, a internacionalização universitária será impulsionada, e os resistentes, que sustentam

que a exigência do conhecimento do português levará a uma maior divulgação da língua portuguesa no cenário mundial. Interessante foi o exemplo trazido pela Chefe da Divisão de Relações Internacionais, Imagem e Comunicação da Universidade de Coimbra, Filomena Marques de Carvalho, em oficina⁸ apresentada, em abril passado, durante a XXII Reunião do FAUBAI (Associação de Assessorias de Instituições de Ensino Superior Brasileiras para Assuntos Internacionais, ex-Fórum de Assessorias das Universidades Brasileiras para Assuntos Internacionais). Ela mencionou a decisão de uma universidade alemã de disponibilizar, totalmente em inglês, o primeiro ano de alguns de seus cursos. Dessa maneira, possibilitou-se o acesso aos estrangeiros que, a partir do ano seguinte, já estavam aptos a dar continuidade aos estudos na língua alemã. A oferta de cursos em língua inglesa, portanto, levou, nesse caso, à disseminação da língua alemã.

Mais recentemente, três novos projetos apresentados pela UFG, como instituição líder, foram aprovados, no âmbito do Programa CAPES/FIPSE, que possibilitou a ida, no segundo semestre de 2010, de 11 estudantes de graduação a instituições parceiras, e a vinda de dez estudantes dos EUA. Trata-se dos Projetos “Planejamento Urbano e Sustentabilidade”, vinculado ao Instituto de Estudos Sócio-Ambientais (IESA/UFG), tendo como parceiros a California State University Northridge (CSUN) e a University of Massachusetts at Amherst (UMass Amherst), assim como a Universidade Federal de Uberlândia (UFU); “Intercâmbio Iowa-Centro-Oeste brasileiro em Administração e Agricultura”, envolvendo a University of Northern Iowa (UNI), o Hawkeye Community College (HCC), o Kirkwood Community College (KCC) e a Universidade de Brasília (UnB), bem como as seguintes

⁸ Apresentação disponível em: <<http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/ACOI/divulgacao/FAUBAI.pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2010.



unidades acadêmicas da UFG: Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos, Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia e Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas, e “MAGNEET – Música Além das Fronteiras Gerando Novas Experiências para Estudantes Talentosos”, num consórcio entre a Universidade do Estado de Santa Catarina, a Marshall University (West Virginia), a Morehead State University (Kentucky) e a Escola de Música e Artes Cênicas/UFG.

PFCM e PROFOR-CV

Importa ainda mencionar o PFCM (Programa de Incentivo à Formação Científica de Estudantes Moçambicanos e Angolanos) e o PROFOR-CV (Programa de Incentivo à Formação Científica de Estudantes Caboverdianos), entre as iniciativas da CAPES relativas à mobilidade de estudantes de graduação, embora, diferentemente dos Programas anteriormente discutidos, não constituam parcerias binacionais, nem prevejam o envio de estudantes brasileiros, mas somente o recebimento de estudantes oriundos da África. São, porém, extremamente significativos para a promoção da diversidade cultural, junto à comunidade universitária. Foram pensados com base no Programa Estudante Convênio de Graduação (PEC-G) e no Programa Estudante Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG), para serem executados nos moldes do Programa de Iniciação Científica do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

O PEC-G e o PEC-PG constituem ações da Cooperação Educacional Internacional Brasileira que, por sua vez, é considerada política de Estado. Segundo Carvalho (2006, p. 11),

[a] Cooperação Educacional Internacional, em seu sentido mais amplo, gera flexibilidade cultural, através do conhecimento do Outro e de seu *modus vivendi*. Promove a abertura de consciências para o Mundo, para as Diferenças, para a Inclusão. Estes são aspectos positivos. São fatores de Paz.

Beneficiando estudantes da África, América Latina e Caribe (e também do Timor Leste), o PEC-G e o PEC-PG têm suas origens nos primeiros instrumentos internacionais educacionais celebrados pelo Brasil, numa parceria entre instituições de ensino superior brasileiras, o Ministério da Educação e o Ministério das Relações Exteriores. É apontada “sua relevância na formação de recursos humanos de alto nível, possibilitando a formação de Quadros especializados a países amigos, cujo sistema educacional ainda carece de apoio” (CARVALHO, 2006, p. 12). Fundamentam-se juridicamente nos textos dos Acordos Culturais e garantem a realização integral do curso de graduação ou pós-graduação, sendo previstas a concessão de bolsas de estudos, a isenção de processos seletivos e a gratuidade do ensino.

Consideradas “ações mais consistentes para aprimorar o apoio do Brasil à formação científica de estudantes de países africanos”,⁹ o PFCM e o PROFOR-CV possibilitam a vinda ao Brasil de estudantes, no final de sua graduação, durante seu período de férias acadêmicas (janeiro a março ou agosto e setembro), para “treinamento científico sob orientação de pesquisador qualificado atuando em áreas de pesquisa acordadas”.¹⁰ A UFG foi convidada a integrar esses Programas e, desde 2008, já recebeu 19 angolanos, oito moçambicanos e uma cabo-verdiana, que realizaram atividades de pesquisa e ensino em diferentes áreas, como Ciências da Saúde (Medicina Tropical, Enfermagem, Farmácia, Odontologia), Agronomia, Veterinária, Ciências Biológicas, Química, Engenharia Elétrica e Letras.

Programa de bolsas luso-brasileiras Santander Universidades

Não só os governos e agências governamentais têm financiado a mobilidade acadêmica internacional, mas também as empresas, destacando-se, nessa iniciativa, o Banco Santander (Brasil) S.A. que, por meio do Santander Universidades, em linha com sua política de Responsabilidade Social Corporativa, “fomenta ações e/ou projetos que objetivem o aprimoramento do ensino superior e a internacionalização da atividade acadêmica”.¹¹ Dentre as ações implementadas pelo Santander Universidades, a UFG participa do Programa de Bolsas Luso-Brasileiras, que tem como objetivo potencializar as relações acadêmicas entre Portugal e Brasil, por meio da mobilidade de estudantes universitários, visando a criação de um espaço ibero-americano de educação superior.

⁹ Cf. Ofício Circular nº 002/2009/DRI/CAPES.

¹⁰ Cf. Ofício Circular nº 001/2008/DRI/CAPES.

¹¹ Cf. Acordo entre a UFG e o Banco Santander (Brasil) S.A.

Esse Programa atrai um número considerável de estudantes, de diferentes Unidades Acadêmicas, em razão da não exigência de domínio de língua estrangeira para realização de intercâmbio, e deu ensejo ao estabelecimento de convênio entre a UFG e várias instituições portuguesas: Universidade de Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa, Universidade do Minho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Universidade do Algarve e Universidade do Porto. Ademais, consolidou ainda mais as relações que já haviam sido estabelecidas com a Universidade de Coimbra.

Nos últimos dois anos (2008 e 2009), esse Programa possibilitou a ida de vinte estudantes da UFG a Portugal e a vinda de uma estudante portuguesa. Cinco estudantes da UFG acabam de ser selecionados, para a edição de 2010, e a UFG deverá receber candidaturas de estudantes das instituições portuguesas. Esses estudantes aprofundam sua formação acadêmica, na sua respectiva área de conhecimento, e vivenciam diferentes práticas culturais.

Programa Erasmus Mundus, janela de cooperação externa

Considerado o mais bem sucedido programa europeu de mobilidade de estudantes, o Programa Erasmus Mundus permitiu, pela primeira vez em 2007, a parceria de instituições brasileiras em consórcios. Trata-se de Programa financiado pela Comissão Européia, lançado pelo *Europe Aid Cooperation Office* e implementado pela *Education, Audiovisual and Culture Executive Agency*.

De acordo com informações extraídas do Jornal Oficial da União Europeia, de 5 de dezembro de 2007:

A Janela de Cooperação Externa do programa Erasmus Mundus visa o enriquecimento mútuo e a promoção do entendimento entre a UE [União Europeia] e os

países terceiros. Foi concebida para promover a cooperação institucional no domínio do ensino superior entre a União Europeia e os países terceiros através de um programa de mobilidade que visa o intercâmbio estudantil e acadêmico para fins de estudo, ensino, formação e investigação.

Entre os três projetos aprovados no âmbito desse Programa, relativos ao edital de 2007, incluiu-se o ISAC¹² – *Improving Skills Across Continents*, do qual faz parte a UFG, juntamente com outras nove universidades brasileiras e as seguintes instituições européias: České Vysoké Učení Technické Praze (Universidade Técnica de Praga, República Checa), Luleå Tekniska Universitet (Universidade de Tecnologia de Luleå, Suécia), Universidade do Minho (Portugal), Università degli Studi di Trento (Itália), Universitat de Barcelona (Espanha), Universität Stuttgart (Alemanha), Université de Liège (Bélgica), Universiteit Leiden (Holanda), University of Cambridge (Reino Unido) e Universidade de Coimbra (Portugal). Esta última coordena o Projeto, que promoveu o intercâmbio na Europa de 11 estudantes de graduação da UFG, das áreas de Engenharias, Ciências Sociais e Educação/Formação de Professores, por um semestre, no ano de 2009. Partiram para a Europa também, nesse ano, por esse Projeto, uma professora em mobilidade acadêmica, por um mês, e um professor para realização de doutorado pleno.

Em depoimento¹³ sobre a experiência vivida, os estudantes ressaltaram o acréscimo curricular, mas, sobretudo, o enriquecimento cultural e linguístico.

¹² Informações disponíveis em: <<http://www.uc.pt/en/driic/isac>>. Acesso em: 13 jun. 2010.

¹³ Depoimentos disponíveis em: <http://www.cai.ufg.br/?id_pagina=6925&site_id=91>. Acesso em: 13 jun. 2010.

Assinalaram ainda o aprendizado de vida adquirido, com um novo ritmo de vida e uma outra lógica, relativa a cada grupo com o qual se envolveram. Alguns destacaram a dificuldade em controlar o próprio sustento, em uma outra moeda. Interessante notar que muitos estudantes falaram de sua estadia no exterior como a realização de um sonho, corroborando a afirmação, do início deste texto, de que o intercâmbio de graduação, principalmente o subsidiado, não constituía prática recorrente na UFG.

Encontram-se em exame, no atual estágio do desenvolvimento do Projeto, os aproveitamentos dos estudos realizados no exterior, uma vez que consta, como um dos requisitos para participação no Programa, o reconhecimento dos créditos obtidos. Na Europa, a Declaração de Bolonha tornou comparáveis as formações ministradas no ensino superior dos países que a subscreveram. Como uma das decorrências, as universidades europeias passaram a lidar com a harmonização dos currículos, com base no ECTS – *European Credit Transfer and Accumulation System*, que garante a transferência de créditos tanto para disciplinas cursadas, como para módulos completos, trabalhos de laboratório ou dissertações ou teses. No Brasil, há discussões a respeito desse tema e é variável a forma pela qual as diferentes instituições realizam o aproveitamento. Na UFG, a Resolução CEPEC 828, aprovada em 2007, regulamenta o assunto, assim como as demais questões ligadas à mobilidade de estudantes de graduação.

O bom êxito da participação da UFG, no Projeto ISAC, abriu portas para a entrada da instituição em outros projetos do Programa Erasmus Mundus Janela de Cooperação Externa. Dos seis projetos aprovados, relativos ao edital de 2008, a UFG faz parte do EMUNDUS15, coordenado pela Universidade de Santiago de Compostela, e do MONESIA (MObility Network Europe-Southamerica: an Institutional Approach), coordenado pela Universidade de Granada.

Como parceiros europeus no Projeto EMUNDUS15,¹⁴ constam ainda: Erasmus Hogeschool Brussel, Bélgica; Universidad de Castilla-La Mancha, Espanha; Universidade de Vigo, Espanha; Sorbonne Nouvelle Paris 3, França; Université de Nantes, França; Università degli Studi di Napoli Federico II, Itália; Universidade do Minho, Portugal, e Masarykova Univerzita, República Checa. Esse Projeto beneficiou 16 estudantes de graduação da UFG, das áreas de Educação e Formação de Professores, Engenharia e Tecnologia e Ciências Sociais, que realizam um período de intercâmbio de dez meses na Europa desde setembro de 2010. Cinco estudantes, do nível de doutorado, também foram beneficiados e duas professoras – uma que realizará uma mobilidade de um mês e outra que fará um pós-doutoramento de seis meses.

O Projeto MONESIA,¹⁵ diferentemente dos dois anteriores, abrange também universidades do Paraguai e do Uruguai, sendo que a mobilidade só ocorre nos sentidos Europa-América Latina e América Latina-Europa, não possibilitando o intercâmbio de estudantes entre universidades do mesmo continente. Os parceiros europeus nesse Projeto são, além da universidade coordenadora, as seguintes instituições: Universidad de Deusto, Espanha; Karl-Franzens-Universität Graz, Áustria; Katholieke Universiteit Leuven, Bélgica; Vrije Universiteit Brussel, Bélgica; Alma Mater Studiorum – Università di Bologna, Itália; Università degli Studi di Padova, Itália; Universidade de Coimbra, Portugal; Universiteit Leiden, Holanda, e Wageningen Universiteit, Holanda. O Projeto focaliza as necessidades regionais da América do Sul e o desenvolvimento de áreas específicas como Agricultura, Educação, Formação de Professores, Engenharia e Tecnologia, Ciências Médicas, Ciências Naturais e Ciências Sociais. Oferece oportunidades de educação e treinamento qualificados para grupos vulneráveis e estudantes socioeconomicamente desfavorecidos.

Por esse Projeto, a UFG enviou, a partir de setembro de 2010, seis estudantes de graduação para uma mobilidade de dez meses em instituições europeias, um estudante para o doutorado pleno e uma professora para mobilidade de dois meses. Um outro professor já deu início ao seu intercâmbio e a UFG já recebeu uma representante da Assessoria Internacional da Universidade de Bolonha, na

¹⁴ 5 Informações disponíveis em: <http://www4.usc.es/emundus/lot15/index_PT.php>. Acesso em: 13 jun. 2010.

¹⁵ Informações disponíveis em: <<http://www.monesia.eu/>>. Acesso em: 13 jun. 2010.

categoria mobilidade de pessoal. Quatro estudantes de graduação – dois das Ciências Sociais, uma da Ciência da Informática e um da Agronomia – chegaram a Goiânia, no segundo semestre de 2010, provenientes, respectivamente, da Universiteit Leiden, Katholieke Universiteit Leuven, Universidade de Coimbra e Universidade de Granada para promover, a exemplo dos demais estudantes estrangeiros, a convivência com a diversidade cultural junto à comunidade universitária.

Programa de intercâmbio Linnaeus-Palme

Ligado à Comissão Europeia e ao governo sueco, o Programa de Intercâmbio Linnaeus-Palme,¹⁶ criado em maio de 2000 e financiado pela Sida (*Swedish International Development Cooperation Agency*), objetiva promover uma cooperação de longo prazo, baseada em mútuos benefícios entre instituições educacionais da Suécia e de países em desenvolvimento, com o intuito de estimular a internacionalização da educação superior na Suécia. Prevê a mobilidade de professores e de estudantes, da graduação e do mestrado.

Projeto, no âmbito desse Programa, envolvendo uma parceria entre a UFG e a Universidade de Malmö, na área de Odontologia, já foi aprovado em algumas etapas, tendo possibilitado a mobilidade de docentes das instituições integrantes. E, diferentemente dos demais projetos em curso na UFG, que se iniciam com a ida de estudantes da UFG às instituições estrangeiras, este trouxe, primeiramente, dois estudantes suecos a Goiânia, por dois meses (de março a maio de 2010), para atividades de iniciação científica. Os estudantes se comunicaram, na maioria das vezes, em língua inglesa, e assistiram às aulas do Curso de Português para Estrangeiros, ministradas pela Faculdade de Letras da UFG. Quando aprovado em sua totalidade, o Projeto permitirá, além da mobilidade docente, intercâmbio de estudantes por um período de até um ano, para trocas científico-culturais.

Perspectivas futuras

Atendendo a uma das metas da Política de Relações Internacionais da UFG que é diversificar os eixos geográficos das parcerias, considerando-se a reciprocidade, o equilíbrio, a qualidade e a cooperação solidária, bem como em consonância com a tendência de integração regional no cenário mundial, busca-se, neste momento, uma

¹⁶ Informações disponíveis em: <http://www.programkontoret.se/Global/material/faktablad/linnaeuspalme_english.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2010.



ampliação das parcerias da UFG com instituições da América Latina. A universidade já faz parte do Programa Mercosul de Mobilidade Docente de Curta Duração, recebe estudantes latino-americanos no âmbito dos Programas PEC-G e PEC-PG e realiza cooperação com instituições latino-americanas, incluindo missões de trabalho e estudos, graças a iniciativas individuais de pesquisadores. Estudantes da América Latina compõem também o corpo discente da UFG, por meio de processos seletivos gerais, nos níveis de graduação e pós-graduação. A mobilidade de estudantes de graduação envolvendo países dessa região e a UFG, nos últimos anos, porém, é bastante insignificante.

Com o intuito de mudar essa situação, no final de 2009 foi apresentada proposta de adesão da UFG à Associação de Universidades Grupo Montevideu (AUGM), espaço acadêmico comum, regional, de cooperação científica, tecnológica, educativa e cultural, abrangendo a Argentina, a Bolívia, o Brasil, o Chile, o Paraguai e o Uruguai. A AUGM tem, como um dos seus principais objetivos, “contribuir para o fortalecimento e a consolidação de uma massa crítica de recursos humanos de alto nível, aproveitando as vantagens comparativas que oferecem as capacidades instaladas na região”,¹⁷ e conta, entre as ações implementadas, com o Programa de Mobilidade Escala Estudantil e o Escala Docente. Desenvolve, ainda, atividades de outras ordens, por meio de seus Núcleos Disciplinares e Comitês Acadêmicos, coordenados por professores das universidades integrantes (que, no Brasil, são: as universidades federais de Minas Gerais, do Paraná, do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, de São Carlos, de Santa Maria, e as estaduais paulistas USP, UNICAMP e UNESP). As instituições membros encontram-se bastante satisfeitas com o desempenho da rede, considerando que

¹⁷ Informações sobre a AUGM disponíveis em: <<http://www.grupomontevideo.edu.uy/>>. Acesso em: 15 jun. 2010.

[o] grupo constitui uma verdadeira universidade regional virtual, compartilhando solidariamente recursos humanos, materiais, instalações, equipamentos, laboratórios e bibliotecas [...]. É um espaço acadêmico comum que privilegia o intercâmbio de conhecimentos, o desenvolvimento científico e cultural, o confronto de experiências e a atualização constante, assim como a consolidação das estruturas de gestão das universidades que a integram (ROCHA, 2004, p.69-70).

A UFG encaminhou propostas também ao Sistema de Acreditação Regional de Cursos Universitários (ARCU-SUL), de acordo com as chamadas para acreditação dos cursos de Agronomia, Veterinária, Engenharia Civil e Enfermagem. O “Sistema ARCU-SUL contribui para desenvolver as capacidades institucionais de cada país em avaliar a educação superior de qualidade no nível da graduação e permite trabalhar de forma recíproca a aferição da qualidade dos cursos ofertados nos países membros do MERCOSUL e associados”.¹⁸ Programas de mobilidade são previstos para as instituições aprovadas no processo de acreditação, desde que manifestem interesse e compromisso.

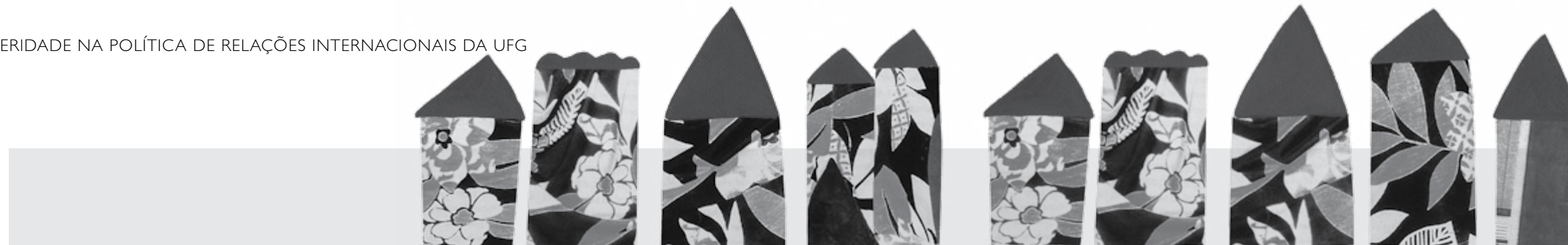
Mais recentemente, a UFG apresentou proposta ao Projeto “Apoio ao Programa de Mobilidade Mercosul em Educação Superior”, lançado no contexto do documento de estratégia regional e do Memorando de Entendimento entre a Comissão Europeia e o MERCOSUL. O Projeto pretende “resolver o baixo nível de sentimento de ligação com a região e de consciência regional da sociedade civil do MERCOSUL, o que é limitador para consolidar e fortalecer o processo de integração regional”.

¹⁸ Informações disponíveis em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=/index.php?option=com_content&view=article&id=13454>. Acesso em: 15 jun. 2010.

Intercâmbio com instituições mexicanas está sendo previsto igualmente, após as discussões havidas durante os I e II Encontros de Reitores GCUB e ANUIES, realizados, respectivamente, em Salvador, em abril de 2010, como assinalado no início deste texto, e em Guadalajara, no início de junho de 2010. Proposta de participação no Programa de Mobilidade Acadêmica Brasil-México (BRAMEX) já foi encaminhada, à UFG, por parte do GCUB.

A UFG está aberta a parcerias com o Mundo Oriental também. Contatos entre pesquisadores já ocorrem. Além disso, por exemplo, a Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAI) mantém uma relação sólida com a Embaixada do Japão, em Brasília, e se encarrega de divulgar, informar, receber e encaminhar candidaturas a bolsas oferecidas pelo governo japonês. Ex-alunos da UFG já foram contemplados, com bolsas de mestrado e doutorado. No entanto, não se trata de programas de intercâmbio, uma vez que os interessados devem realizar todo o curso no Japão. Iniciativas que resultem na diversificação dos eixos geográficos das ações de cooperação internacional da UFG tem sido promovidas.

Pretende-se dar continuidade às atividades que vem sendo desenvolvidas, nos últimos quatro anos, que resultaram em um conjunto de ações favoráveis, que propiciaram a criação de uma cultura do intercâmbio junto à comunidade acadêmica da UFG. Os estudantes, hoje, preparam-se, antecipadamente, para uma estadia no exterior; ficam atentos às oportunidades de bolsas de estudo; estão aptos a preencherem formulários de candidaturas de instituições estrangeiras. Tem sido fundamental, nesse processo, o apoio dos estudantes que partiram em programas de intercâmbio e retornam à instituição. Juntamente com outros estudantes, dão andamento ao Programa Convívio Cultural, coordenado



pela CAI, que tem por objetivo recepcionar os estrangeiros que chegam, a Goiás, para estudar na UFG.

A coexistência harmoniosa com a diferença é necessária para a renovação e até para o reforço dos traços culturais identitários. A mobilidade internacional de estudantes de graduação pode promover essa convivência. Pode contribuir para a manutenção de um ambiente propício para atitudes de tolerância e respeito pela diversidade cultural, uma das metas da Política de Relações Internacionais da UFG.

Referências

AMORIM, Celso Luiz Nunes. Perspectivas da Cooperação Internacional. In: MARCOVITCH, Jacques. (Org). *Cooperação Internacional: estratégia e gestão*. São Paulo: Edusp, 1994. p. 149-163,

CARVALHO, Almerinda Augusta de Freitas. Cooperação Educacional Internacional: o papel da Divisão de Temas Educacionais do Ministério das Relações Exteriores. In: SUCUMA, Arnaldo (Org.) *Os novos desafios da globalização na África e América Latina*. João Pessoa: Ideia, 2006. p. 11-16.

CRIDER, Rita Carolina et al. U.S.-Brazil Culture and Arts Initiative: An overview. In: CAMPOS, Maria Cristina Pimentel; FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma. *Culture and Arts in Brazil and in the United States: A bridge of multifaceted languages*. Viçosa, MG: Arka, 2009. p. 213-251.

PEDROZO, Nancy Gondim et al. *Instituições Federais de Ensino Superior que iniciam seu processo institucional de internacionalização*. Trabalho apresentado como conclusão do I Curso Andifes de Gestão da Internacionalização Universitária 2007/2008. 2008. Inédito.

ROCHA, Sílvia Maria (Org.) *As relações internacionais na UFRGS*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

STALLIVIERI, Luciane. *Estratégias de internacionalização das universidades brasileiras*. Caxias do Sul: Educs, 2004.

O RIGOR DA INTOLERÂNCIA: A SELEÇÃO DOS IMIGRANTES ESPANHÓIS REALIZADA PELO MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES E PELO INSTITUTO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO (1950-1960)

Ismara Izepe de Souza¹

A pretensa hospitalidade do Brasil para com os estrangeiros que optam por viver neste imenso país, é muito propalada por aqueles que desejam reforçar as características positivas do povo brasileiro. A ideia de que o país recebe bem todos que vêm somar-se à sua sociedade multicultural faz parte do senso comum, mas um olhar um pouco mais refinado em direção ao nosso passado nos leva a questionar esta hipótese.

Ao final do século XIX, quando os debates sobre a necessidade de mão de obra afloraram no contexto da abolição da escravatura, não faltaram exemplos de discursos e ações que visavam rejeitar o recebimento de determinadas categorias de imigrantes. Houve, por parte das elites políticas brasileiras, uma política de restrição que fez com que o governo respaldasse e incentivasse a emigração de algumas etnias em detrimento de outras.² No seio de discussões inflamadas, vingou a ideia de que o país deveria receber grupos étnicos que

² A título de exemplo, mencionamos o caso dos japoneses, que foram considerados refratários aos costumes e à cultura nacionais, havendo resistência de intelectuais e políticos ao incentivo a esse tipo de emigração no início do século XX. Sobre esta questão ver Márcia Yumi Takeuchi. *O perigo amarelo. Imagens do mito, realidade do preconceito (1920-1945)*. São Paulo: Humanitas; FAPESP, 2008.

¹ Doutora em História Social e pesquisadora do LEER (Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação da Universidade de São Paulo).